

# **Livro eletrônico: o que dizem os bibliotecários da Universidade Federal de Minas Gerais**

**Adriana Bogliolo Sirihal Duarte** (UFMG) - bogliolo@eci.ufmg.br

**Aline de Queiroz Lopes** (UFMG) - line\_ql@hotmail.com

**Maria L. Amorim Antunes** (UFMG) - mariaamorimm@gmail.com

**Emanuelle Geórgia Amaral Ferreira** (UFMG) - emanuelle.gaf@gmail.com

**Ana Lúcia Pereira** (UFMG) - analucia\_alp@yahoo.com.br

## **Resumo:**

*Pensando no contexto atual das bibliotecas, foi criado o projeto de pesquisa “Livro eletrônico e sua utilização por alunos de graduação da UFMG”. Inicialmente realizou-se uma série de estudos sobre a diversidade de conceitos, principalmente na literatura estrangeira. Em sequência, determinou-se a avaliar os e-books, ou livros eletrônicos, no âmbito do Sistema de Bibliotecas da UFMG. Realizaram-se entrevistas semi-estruturadas com bibliotecários-chefes de dezessete unidades distintas, visando verificar qual o caminho e quais perspectivas estão sendo discutidas em relação à adoção dos e-books tanto sob o ponto de vista do aluno, como da biblioteca e do bibliotecário. Conclui-se que de forma geral todos os bibliotecários entrevistados apresentam opiniões bem claras a respeito do livro eletrônico. Entretanto há divergências dentro do próprio Sistema em relação a postura dos mesmos diante dos e-books no que diz respeito à iniciativa de compra, treinamento do pessoal, processamento técnico e instrução aos usuários.*

**Palavras-chave:** Livro eletrônico. E-book. Biblioteca Universitária. Bibliotecário.

**Área temática:** *Temática I: Tecnologias de informação e comunicação – um passo a frente*

## **Livro eletrônico: o que dizem os bibliotecários da Universidade Federal de Minas Gerais**

### **Resumo:**

Pensando no contexto atual das bibliotecas, foi criado o projeto de pesquisa “Livro eletrônico e sua utilização por alunos de graduação da UFMG”. Inicialmente realizou-se uma série de estudos sobre a diversidade de conceitos, principalmente na literatura estrangeira. Em sequência, determinou-se a avaliar os *e-books*, ou livros eletrônicos, no âmbito do Sistema de Bibliotecas da UFMG. Realizaram-se entrevistas semi-estruturadas com bibliotecários-chefes de dezessete unidades distintas, visando verificar qual o caminho e quais perspectivas estão sendo discutidas em relação à adoção dos *e-books* tanto sob o ponto de vista do aluno, como da biblioteca e do bibliotecário. Conclui-se que de forma geral todos os bibliotecários entrevistados apresentam opiniões bem claras a respeito do livro eletrônico. Entretanto há divergências dentro do próprio Sistema em relação a postura dos mesmos diante dos *e-books* no que diz respeito à iniciativa de compra, treinamento do pessoal, processamento técnico e instrução aos usuários.

**Palavras-chave:** Livro eletrônico. *E-book*. Biblioteca Universitária. Bibliotecário.

**Área Temática:** Tecnologias de informação e comunicação – um passo a frente

### **Introdução**

A profissão de bibliotecário é uma profissão antiga e assim como outras profissões, vem passando por mudanças em seus paradigmas, mudanças essas que estão presentes nos aspectos de sua formação e em suas possíveis áreas de atuação. O bibliotecário acompanhou de perto o aparecimento das novas tecnologias, adaptou-se, deixou de usar as fichas e passou a usar as telas.

Na era das novas tecnologias, surgem os *e-books*, ou livros eletrônicos, que vem provocando inquietações e sentimentos antagônicos de admiração, desejo ou desprezo. A própria conceituação de livro eletrônico vem sendo discutida. Segundo Wilson e Landoni (2001), a definição de livros eletrônicos engloba três diferentes aspectos, a saber: a) dispositivos de hardware que permitem aos leitores acessarem conteúdos; b) aplicações de software, usadas para visualizar conteúdo *online* e; c) o conteúdo que é visualizado através de um dispositivo de hardware ou de aplicações de software. Atualmente os dispositivos de hardware não são mais denominados de *e-books* ou livros eletrônicos, mas recebem a denominação específica de *e-readers*. Assim, a definição de livros eletrônicos tem-se centrado mais na identificação de seu conteúdo. Gama Ramirez (2006) *apud* Velasco e Oddone (2007, p. 3) afirma que:

O livro eletrônico se refere a uma publicação digital não periódica, quer dizer, que se completa em um único volume ou em um número predeterminado de volumes e que pode conter textos, gráficos, imagens estáticas e em movimento, assim como sons. Também se nota que é uma obra expressa em várias mídias (multimídia: textos, sons e imagens) armazenadas em um sistema de computação. Em suma, o livro eletrônico se explica como uma coleção estruturada de bits que pode ser transportada e visualizada em diferentes dispositivos de computação (GAMA RAMÍREZ, 2006, p. 12, *apud* VELASCO e ODDONE, 2007, p. 3).

Muitos autores afirmam que o conceito de livro eletrônico deve fazer analogia ao livro impresso. Podemos observar essa perspectiva no conceito da Enciclopédia Internacional de Ciência da Informação e Biblioteconomia (*International Encyclopedia of Information and Library Science*) do ano de 2003, que

refere-se ao livro eletrônico como o resultado da integração da estrutura clássica do livro, ou preferencialmente o conceito familiar de um livro, com características que podem ser fornecidas pelo ambiente eletrônico, o qual é concebido como um documento interativo que pode ser composto e lido num computador (Landoni, 2003, p. 168, tradução nossa).

Observamos que a concepção acima restringe a leitura dos livros eletrônicos por meio do computador, mas hoje sabemos da existência de uma infinidade de dispositivos, tais como *tablet*, *smartphones*, *e-readers*, etc, que também possibilitam sua leitura, portanto o conceito pode ser ampliado para documentos interativos que possam ser compostos e lidos em quaisquer dispositivos eletrônicos, de mesa ou portáteis, que incluam uma tela.

Enfim, ao averiguar uma série de estudos, principalmente da literatura estrangeira, encontramos as autoras Vassilou e Rowley, em 2008, que fizeram um estudo sobre a diversidade de conceitos que apareciam na literatura e apresentaram uma definição em duas partes e em função de quatro perspectivas: meio, conteúdo/formato do arquivo, dispositivo e fornecimento. As duas partes fazem-se necessárias para capturar tanto as características persistentes de *e-books*, quanto sua natureza dinâmica, impulsionada em grande parte pelas diferentes tecnologias através das quais eles são disponibilizados e lidos:

(1) Um *e-book* é um objeto digital com conteúdo textual e/ou outro tipo de conteúdo, que deriva como um resultado da integração do conceito familiar de um livro com características que podem ser oferecidas numa ambiente eletrônico. (2) *E-books* possuem funcionalidades embutidas tais como funções de busca e referência cruzada, links hipertextuais, *bookmarks*, anotações, destaques,

objetos multimídia e ferramentas interativas (Vassilou e Rowley, 2008, p. 363, tradução nossa).

A partir do entendimento do conceito de *e-book* em termos do conteúdo, passa-se a refletir acerca dos modelos de adoção de *e-books* por bibliotecas. Embora a literatura estrangeira aponte dois modelos – aquele em que a biblioteca adquire e empresta dispositivos de leitura que contém livros eletrônicos como conteúdo e o modelo *web-based* (baseado na *web*) em que a biblioteca empresta apenas o conteúdo, através de transações via *web*), a realidade das bibliotecas acadêmicas brasileiras é de adoção ou de análise apenas do segundo modelo, até porque os *e-readers* apenas recentemente chegaram ao mercado brasileiro.

Desta reflexão surgiu o questionamento: o que está acontecendo no contexto em que estamos inseridos, ou seja, que caminho e quais perspectivas estão sendo discutidas no espaço das bibliotecas do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – em relação à adoção de *e-books*? A seguir relata-se o resultado da pesquisa realizada no segundo semestre de 2012 visando responder essa questão.

### **Metodologia da pesquisa**

Em 2012 foi concebido o projeto de pesquisa “Livro eletrônico e sua utilização por alunos de graduação da UFMG”, visando verificar se estão sendo utilizados e como estão sendo utilizados os livros eletrônicos e os suportes para sua leitura por alunos da UFMG, a aceitação e forma de lidar dos bibliotecários com estes livros e seus suportes e os impactos causados no comportamento informacional dos indivíduos decorrentes dessas mudanças.

Até o presente momento efetuou-se uma revisão de pesquisas com usuários de *e-books* realizadas no exterior (GIBBONS, 2001; SIMON, 2001; TOWLE, 2007; SPRINGER, 2008), e se fez duas etapas de coleta de dados: uma entre os bibliotecários do sistema de bibliotecas da UFMG, através de entrevistas, e outra entre os alunos de graduação da UFMG, através da aplicação de questionários.

Gibbons (2001), apresenta os resultados de uma pesquisa realizada após a experiência de 6 bibliotecas que efetuavam o empréstimo de *e-readers* contendo livros eletrônicos para seus usuários. Simon (2001) apresenta os resultados de um

estudo conduzido com alunos que cursaram disciplinas por ele oferecidas tendo como material didático apenas livros eletrônicos inseridos em *e-readers*. Gemma Towle (2007) desenvolve uma pesquisa de doutorado em que estuda os impactos do livro eletrônico do ponto de vista de todos os *stakeholders* envolvidos na cadeia de produção e circulação do livro: autor, editoras, livrarias, bibliotecas e leitores. Além de fazer uma exaustiva revisão de literatura e das pesquisas que a antecederam, investiga, em particular, a captação e experiências de *e-books* nas bibliotecas públicas inglesas do ponto de vista de seus bibliotecários e dos leitores. Finalmente, em 2007, a Springer pesquisou bibliotecários de seis instituições para entender seus pontos de vista sobre a adoção e benefícios do *e-book*. Em 2008, essa grande editora de revistas/periódicos do setor de ciência, tecnologia e medicina deu continuidade a esse estudo com uma pesquisa de usuários finais em cinco instituições para avaliar seu uso e atitudes para com os *e-books*. A pesquisa revelou alguns resultados encorajadores sobre a adoção de *e-books*. A maioria dos usuários estavam cientes da existência dos *e-books* e haviam acessado algum pelo menos uma vez. Os entrevistados também disseram que os *e-books* são úteis e que gostariam de incorporá-los em suas práticas informacionais mais frequentemente. Em termos de comportamento do usuário, a pesquisa descobriu que os usuários acessam *e-books* principalmente para fins de pesquisa e estudo e que os tipos de *e-books* mais utilizados são obras de referência e livros didáticos.

Em nossa pesquisa, buscamos compreender o uso do livro eletrônico no ambiente acadêmico pelos alunos da UFMG, e aplicamos cerca de 1500 questionários entre alunos matriculados na UFMG no primeiro semestre de 2012. Em linhas gerais, concluímos que a grande maioria dos alunos da UFMG utiliza recursos tecnológicos e já fez uso de livros eletrônicos mas, surpreendentemente, quando fizemos a eles a pergunta: “se um livro acadêmico de que você necessitasse estivesse disponível na biblioteca em ambos os formatos, eletrônico e impresso, qual você preferiria?”, 74% responderam preferir o livro impresso ao eletrônico.

Por fim, os resultados das entrevistas realizadas com os bibliotecários são apresentados neste trabalho. É importante ressaltar que os bibliotecários do Sistema de Bibliotecas da UFMG realizaram uma pesquisa mercadológica, fazendo um levantamento sobre o que seria necessário para a aquisição e implantação de acervo de livros eletrônicos no Sistema. Contudo, a aquisição de uma coleção para

o Sistema ainda não foi feita devido a uma série de fatores, exceto a compra de alguns títulos em unidades isoladas, onde algumas iniciativas já estão sendo implantadas.

O Sistema de Bibliotecas da UFMG é composto de um conjunto 25 bibliotecas distintas, responsáveis por prover à comunidade universitária os serviços e produtos de informação necessários ao desempenho das atividades próprias da Universidade; em suas dimensões de ensino, pesquisa e extensão. A coleta de dados desta pesquisa procurou abranger todos os bibliotecários do Sistema, no entanto logrou-se realizar dezessete entrevistas semi-estruturadas com bibliotecários de diferentes unidades. Os diálogos foram gravados em áudio para fins de transcrição. Realizaram-se as entrevistas com o bibliotecário-chefe ou com outro bibliotecário da unidade indicado por este. Esclareceu-se, no momento da entrevista, o conceito de livro eletrônico como uma versão digital do livro impresso (excluindo-se as publicações periódicas) que esteja disponibilizado eletronicamente para quaisquer dispositivos que incluam tela. As entrevistas envolveram questionamentos como a existência ou não de livros eletrônicos nas bibliotecas, a possibilidade de possuir uma coleção de livros eletrônicos, quais vantagens e desvantagens que os bibliotecários viam nos livros eletrônicos e se os livros eletrônicos estavam sendo considerados como uma área para possível investimento ou expansão.

Da análise das entrevistas estabeleceram-se seis categorias de análises principais que buscaram:

1. Inferir a postura dos bibliotecários em relação ao livro eletrônico, identificando-os como entusiastas, indiferentes ou se haveria alguma reação negativa;
2. Avaliar a iniciativa de compra caracterizando os bibliotecários que adquiriram livros eletrônicos de forma independente, aqueles que aguardavam determinações vindas do Sistema e os que não apresentaram iniciativa e não demonstraram interesse em um eventual consórcio através do Sistema.
3. Estabelecer comparações entre o livro impresso e o livro eletrônico, procurando identificar, do ponto de vista dos bibliotecários, se está havendo uma superestimação a algum formato – eletrônico ou impresso e a provável tendência ao hibridismo.

4. Analisar a percepção dos bibliotecários sobre a necessidade de treinamento tanto da equipe técnica como a instrução aos usuários quando da inclusão dos livros eletrônicos no acervo.
5. Avaliar o grau de conhecimento dos bibliotecários em relação à compreensão dos modelos de aquisição de livros eletrônicos.
6. Conhecer a opinião dos bibliotecários sobre as vantagens e desvantagens dos livros eletrônicos, tanto na questão do formato digital como na realidade de cada biblioteca.

### **Interpretação dos resultados**

As duas primeiras categorias de análise propostas – postura em relação ao *e-book* e iniciativa de compra – dialogam bastante entre si. Buscou-se aqui inferir qual a postura dos bibliotecários diante das novas tendências lançadas pela chegada do formato eletrônico das publicações e a conseqüente tentativa de trazer esses conteúdos em novos suportes para dentro de cada biblioteca.

De forma geral pode-se dizer que todos os bibliotecários entrevistados reconhecem que o livro eletrônico é uma forte tendência e com a expectativa de “permanecer”. E, como tal, sabem que a hora de trabalhar com o *e-book* vai chegar. No entanto alguns acreditam que esta é uma realidade mais distante, outros acham que já estão atrasados para a manipulação dos e-books. É o que se pode ver pelos trechos extraídos de entrevistas a seguir:

“A gente tá com muita expectativa querendo trabalhar com o livro eletrônico... Vamos ver como é na Universidade”.

“Eu acho que a gente já tá é atrasado, né, pra adquirir os livros eletrônicos”.

Um dos entrevistados demonstra seu entusiasmo com os livros eletrônicos referindo-se às vantagens para os usuários finais. Segundo ele: “os livros eletrônicos possuem características que podem trazer grandes benefícios para os seus usuários”.

Dos 17 bibliotecários entrevistados, três já efetuaram a aquisição de títulos por conta própria em suas unidades, uma bibliotecária está realizando testes para implementação de uma política de aquisição de acervo de *e-books* pelo Sistema de Bibliotecas e os 13 demais esperam a determinação do Sistema. Mas observa-se a

divisão dos bibliotecários em duas posturas: uns aguardam que o movimento de aquisição de coleções de livros eletrônicos aconteça brevemente, mostram-se mais atentos e abertos à discussão, e cogitam mesmo a possibilidade da aquisição independente; como demonstram as falas:

“Já investigamos. E já está em processo de definição dos títulos para a aquisição. Seria por conta própria. O projeto de educação a distância da faculdade está bancando o projeto”.

“Se Deus quiser, início do ano que vem. Porque eu nem... Se a BU não comprar... Eu vou comprar os meus raros, porque nós vamos fazer um projeto. Já conversei com o coordenador do curso. Nós vamos sentar no início de janeiro, nós vamos sentar e fazer o nosso projeto. É cinqüenta e três mil reais a base de dados, e é perpétua. É compra, mas se Deus quiser pelo menos esse a gente vai ter (...)”.

“Atualmente nós estamos com alguma coleção disponibilizada porque foram disponibilizadas pelos editores como try-on, ou seja, livros que a gente vê a acessibilidade para a gente fazer um teste”.

Outros se mostram relativamente indiferentes e distantes da discussão, pouco interessados. Os trechos abaixo apresentam exemplos destas posturas:

“Não. A possibilidade de possuir uma coleção de livros eletrônicos está sendo feita pelo Sistema de Bibliotecas da UFMG. E então existe um grupo estudando, mas eu não fiz parte desse grupo no estudo inicial por falta de tempo. Na época que começou, eu estava de férias e eu não participava. Assim que tiver novas reuniões, eu pretendo participar mais ativamente por que nas primeiras reuniões o outro bibliotecário [da unidade] participou, mas eu ativamente não”.

“Mas a gente adquirir livro eletrônico a gente não tem não (desconhece o conceito). A [nome de pessoa], né, que é a chefe da biblioteca, já tá muito empolgada querendo ver como é que é, pra gente adquirir. Mas assim até hoje, pra que a gente possa ter uma atitude pra comprar, a gente ainda não. Entrevistadora: mas vocês chegaram a pesquisar preço? Não, eu pelo menos nunca fiz...”

“Não. (...) Porque não possui demanda para tanto, os alunos não têm interesse. A biblioteca é só de pós-graduação, os outros alunos utilizam a Biblioteca Central”.

A terceira categoria da análise foi a comparação que os bibliotecários fizeram do livro impresso com o livro eletrônico. Subdividimos essa categoria em três subcategorias, onde identificamos os bibliotecários que superestimam o livro



impresso, aqueles que superestimam o livro eletrônico e outros que tendem ao hibridismo, ou seja, a utilização tanto do livro impresso quanto do eletrônico.

Na análise das entrevistas percebemos que alguns bibliotecários não se sentem à vontade realizando a leitura do livro eletrônico, levando-nos a crer sua superestima pelo livro impresso, assim como podemos observar nas seguintes declarações:

"Eu praticamente não gosto muito não, eu acho que depende no caso, igual o livro, se eu pegar um livro, uma literatura, por exemplo, eu prefiro pegar o livro e ler a pegar na tela e ler".

"As mudanças já são visíveis, mas não muda o sabor de uma boa leitura no livro impresso em que você toca e folheia as páginas, volta ao ponto que quiser sem ter que usar uma tela iluminada. Não troco este prazer de uma boa leitura em livro impresso por um eletrônico".

Observou-se que, em alguns casos, aqueles que declararam não ter interesse pelo livro eletrônico, são profissionais que já estão próximos da aposentadoria e acreditam que esse legado ficará para os futuros profissionais que irão ocupar suas posições no sistema.

Por outro lado, da mesma forma que foram poucos os bibliotecários que fizeram parte do grupo que superestima o livro impresso, também não foi grande o grupo daqueles que superestimam o livro eletrônico. Em algumas falas, nota-se que o profissional é otimista no que diz respeito à tecnologia do livro eletrônico:

"Já faz parte do presente e no futuro vai... com certeza. Todos os eventos que a gente participa na... da minha área de biblioteconomia e ciência da informação, sempre fala...é muito mais prático, não tem esse problema de espaço e o mundo já esta acostumado com a tecnologia".

O ensino a distância é outro aspecto importante ressaltado por um entrevistado e que cada vez mais está recebendo investimento, tanto das instituições públicas quanto particulares. Os livros eletrônicos tem sido grandes aliados nessa forma de ensino que está em crescimento e que possibilita a inclusão de uma diversidade de estudantes, como aqueles que possuem alguma dificuldade de se locomover. Nota-se a preocupação do entrevistado nas palavras que seguem:

"Acho que, principalmente para nós que trabalhamos muito com educação a distância, esta é uma questão fundamental. Acho que vai pegar, não tem jeito, em algumas áreas mais rápido e em outras mais lento".

A maioria dos entrevistados apresentou uma tendência ao hibridismo. Alguns estão vivenciando esse momento e até chegam a oferecer simultaneamente o acesso ao mesmo título em ambos os formatos, eletrônico e impresso. Outros demonstram pretender oferecer essa opção aos seus usuários em breve. Isso confirma-se no exposto por três entrevistados:

"Adquirimos esses todos, os 41, nós temos exemplar impresso aqui na biblioteca e o acesso *online*, temos os dois".

"Um comentário pessoal, é que eu prefiro o livro em papel, não tenho nada contra, acho que novo tem que chegar, tem que vir, e tem que ser bem aproveitado tanto por nós bibliotecários, como pelos usuários em geral. Mas eu acho que a Universidade precisa entrar nessa época, acho que já até passou um pouco, mas vai entrar pelo que estou sabendo provavelmente ano que vem. E é serem bem aproveitados, e os usuários também darem sugestões de títulos que possam ser adquiridos, e usarem também a nossa coleção física, até que o momento... acho que durante muito tempo vai ficar híbrido. E depois acho que deve converter uma parte, principalmente essas exatas, sociais para essa parte digital. Mas o livro físico eu acho que não acaba não".

"Eu acho assim que o livro em papel não acaba, mas o livro eletrônico parece que vai pegar e parece que vai ficar...eu acho que vão caminhar paralelos".

Os bibliotecários são quase unânimes ao apontar a forte tendência ao hibridismo. O fim do livro de papel foi uma possibilidade praticamente descartada ao passo que a tendência do *e-book* se consolidar é forte; fato que indica a convivência dos dois modelos. Como aponta um dos entrevistados "de um modo geral o que as pessoas querem é o acesso" à informação, independentemente de em qual suporte.

A categoria que avalia a percepção da necessidade de treinamento foi subdividida em três subcategorias. Dos 17 bibliotecários entrevistados, 13 percebem a necessidade de treinamento, dois bibliotecários oscilam entre a indiferença e a crença de que já estão preparados e dois bibliotecários não responderam.

Os que crêem precisar de treinamento apresentam, por exemplo, dúvidas relativas ao processamento técnico: Como emprestar e como controlar? Como atender ao usuário?

"Sim, acho que é começando do básico, porque a gente nunca trabalhou. Nem todos nós trabalhamos com livro eletrônico, apesar de que no nosso dia-a-dia acredito que todos nós já tenhamos acessado, mas a gente vai precisar de um treinamento para saber os detalhes, como que é feito esse acesso, a pesquisa para encontrar o livro vai ser diferente, vai ser uma base de dados separado do catálogo do *Pergamum*. Então é esse tipo de

treinamento para poder oferecer ao usuário esse acesso e facilitar a vida dele. Assim como a gente tem treinamento para o livro físico, para localizar, para organizar e tudo, teria que ter um treinamento direcionado e específico para o meio digital”.

“Todo mundo. O pessoal de processamento técnico, referência, formação e desenvolvimento de coleção precisam de treinamento. Noção nós temos por participarmos de congressos, palestras etc.”.

“Ah com certeza. É uma coisa nova e... Tem que ter treinamento para atender o usuário. Eu acho que é... O treinamento deve ser do básico. De só viver na prática como é que é esse empréstimo, como que vai ser a devolução. O processo todo. Tem que passar por tudo do início ao fim. Tanto os servidores efetivos quanto os estagiários que tiverem trabalhando, né? No local. É de informática e do funcionamento, né? Como é que funciona o empréstimo. Por mais difícil que seja. Tem que mostrar para todo mundo, passo a passo”.

Houve aqueles que, se num primeiro momento afirmaram não haver necessidade de treinamento, após refletirem melhor consideraram, ao menos, a necessidade de adaptação. Extratos de uma mesma entrevista demonstram essa situação:

“Não, porque na verdade todos nós somos bem capacitados pra tecnologia, todo mundo sabe fazer pesquisa na internet. Todo mundo sabe baixar, todo mundo sabe fazer *download*, então é... É aprender a vivenciar isso, deixar de ter o físico pra ter o imaterial, né, é mais, é bem tranquilo. (...). Acho que eles precisam ser trabalhados, eles precisam ser indexados como o livro impresso. Então eu acho que não é só adquirir, não é só ter... não adianta você comprar uma montanha de coisas sem ser trabalhada, né? Como é que você vai recuperar aquilo? Só autor e título a gente sabe que não é suficiente, né! (...) Não sei o que é que vai exigir, mas eu acredito que não... eu acho que vai ser como livro impresso, uma vez localizado o usuário mesmo que vai baixar aquilo que é do seu interesse... num sei... pode ser... num dá pra saber não... mas pode ser que tenha se a gente quiser trabalhar internamente, jogando na base *Pergamun*, fazendo indexação talvez a gente tenha que saber se vai ter um modo de fazer isso. Mas depois a gente vai ajeitando, adaptando e com certeza fica mais fácil”.

A questão do modelo de aquisição é, talvez, aquela menos clara para os bibliotecários, e também o grande entrave para que o Sistema de Bibliotecas da UFMG não possua, até o presente momento, uma coleção expressiva de livros eletrônicos. O mercado vem oferecendo alternativas de aquisição nada atrativas para as bibliotecas, em que a aquisição é feita em “pacotes”, que incluem uma coleção com alguns títulos de grande interesse das bibliotecas, e outros tantos de menor ou nenhum interesse. Parece ser necessário que a instituição se articule

politicamente para que ela (instituição de ensino) apresente uma proposta de aquisição para as editoras que contemple sua necessidade, ao invés de analisar as propostas fechadas apresentadas pelas próprias editoras.

Das entrevistas feitas, 10 bibliotecários afirmaram conhecer as alternativas mercadológicas de aquisição. Dois afirmaram conhecê-las mas, indagados acerca das diferenças entre uma e outra, demonstraram confusão. Um bibliotecário não respondeu a essa questão e os demais não fazem sequer ideia das opções de mercado.

Um dos aspectos discutidos foi o da quantidade de empréstimos simultâneos (número limitado *versus* quantidade ilimitada). Mesmo sabendo que para uma quantidade ilimitada de acessos a um mesmo título os valores de aquisição são superiores, esse é indubitavelmente o modelo preferido pelos bibliotecários:

“Esse modelo permite que maior número de usuários tenha acesso simultâneo a um título específico, o que favorece a disseminação da informação e elimina as listas de reservas criadas no sistema da biblioteca”.

No entanto, houve bibliotecário que preferisse a aquisição do modelo “um usuário por título”, justificando-se que, durante a implantação do acervo de livros eletrônicos, deve-se adaptar paulatinamente ao processo:

“Um usuário por título. Nessa transição a gente tem que buscar o mais próximo do formato físico. Vamos com os pés no chão. Disponibilizá-los no [sistema] Minha UFMG<sup>1</sup>”.

Um segundo aspecto refere-se à confrontação de modelos de aquisição *versus* modelos de assinatura (em geral anuais). Se os primeiros apresentam a vantagem de que uma vez adquiridos os títulos, a biblioteca torna-se “dona” deles, por outro lado o armazenamento digital dos conteúdos (e, portanto, a garantia de espaço nos servidores, de existência de servidores *online* 24 horas, de integridade física dos arquivos, etc.) passa a ser de responsabilidade da biblioteca. No modelo assinado, vende-se o acesso, e a responsabilidade de armazenamento e manutenção é da editora. Há, no entanto, que arcar-se com custos de renovação da assinatura a cada vez que ela vence.

“Eu prefiro a aquisição dos livros e não a liberação de acessos, para não correr o risco de não ter mais acesso aos livros por rompimento da assinatura”.

---

<sup>1</sup> Portal com versões personalizadas para professores, alunos e funcionários da UFMG, o MinhaUFMG proporciona integração de toda a comunidade universitária em um único espaço virtual.

“Eu não sei o nome do modelo da assinatura, mas eu já assisti algumas apresentações que tem o modelo de assinatura e tem o modelo de aquisições. A assinatura você assina aquela base de *e-books* durante um determinado período, por exemplo, um ano. Você paga lá e seus usuários têm acesso durante um ano. E a compra é como se fosse a compra de um livro físico. Você compra e o acesso é seu, é perpétuo. Então acho que prefiro a compra”.

Finalmente, buscou-se avaliar quais as vantagens e desvantagens percebidas pelos bibliotecários em relação à incorporação de livros eletrônicos ao acervo de suas bibliotecas. Quando indagados sobre as vantagens de se usar os livros eletrônicos, a maioria dos bibliotecários considerou o acesso rápido e remoto para o maior número de usuários como a principal vantagem de se usar *e-books*:

“A vantagem é, além do acesso, que o livro tá disponibilizado 24 horas, é mais pessoas poderem usar o livro ao mesmo tempo”.

“As vantagens, acho que o acesso remoto é uma vantagem bem evidente. E a possibilidade de você ter um conteúdo mais dinâmico”.

O relato acima, além de ressaltar a questão do acesso remoto, remete ao conteúdo dinâmico, propiciado pelo caráter multimídia do livro eletrônico. Embora essa vantagem não tenha figurado entre as principais e mais citadas pelos bibliotecários, é bastante interessante a referência a ela.

Também se encontrou um considerável número de bibliotecários que elencaram a economia de espaço físico como uma grande vantagem de se usar os livros eletrônicos:

“A questão de espaço físico, porque o acervo cresce, mas e o espaço continua o mesmo, ou até diminui, dependendo do caso, né?”

Em relação às desvantagens, a maioria dos entrevistados relatou o desconforto da leitura na tela dos dispositivos, devido ao excesso de luz emitida, e considerou o processo de leitura lento e cansativo:

“A desvantagem pode ser o que ainda não, mas eu não acredito que seja alguma coisa que vá permanecer durante muito tempo. Eu acho que ainda não é tão confortável a leitura de textos muito longos, principalmente de textos literários”.

Além disso, lembraram-se do preço dos dispositivos, considerado muito caro, somado com a obsolescência dos equipamentos em um curto espaço de tempo.

### **Considerações Finais**

De forma geral conclui-se que todos os bibliotecários apresentam opiniões bem claras a respeito do livro eletrônico. Entretanto a postura dos mesmos diante dos *e-books* no que diz respeito à iniciativa de compra, treinamento do pessoal, processamento técnico e instrução aos usuários varia bastante dentro do próprio sistema. A grande maioria se mostra favorável às vantagens oferecidas pelo livro eletrônico, mas ainda assim não há um consenso entre eles nem a congregação de esforços ou decisões colegiadas a respeito da demanda de usuários e da efetiva aquisição deste material. Algumas bibliotecas esperam a orientação e determinação do Sistema de Bibliotecas, enquanto outras já estão adquirindo livros eletrônicos.

O uso efetivo e sistemático do livro eletrônico no Sistema de Bibliotecas da UFMG ainda provoca alguns questionamentos. De certo modo são dúvidas pertinentes, pois as bibliotecas ainda não possuem números expressivos de *e-books* incorporados no seu acervo e fazendo parte dos serviços rotineiros das bibliotecas, o que dificulta uma análise mais apurada e conclusiva. Apesar disso, a maioria dos bibliotecários mostra-se muito interessada em adquirir os livros eletrônicos, desde que a biblioteca e seus usuários sejam atendidos em suas necessidades reais. Ressalta questões como segurança e garantia na aquisição dos *e-books*, assim como respeito aos direitos autorais.

Apesar de cada unidade apresentar uma realidade diferente, no que tange às vantagens e desvantagens do livro eletrônico as opiniões são bastante semelhantes. Foram apontadas em síntese como vantagens: o acesso multiusuário; simultâneo a um número indefinido de usuários, agilidade no processamento técnico; eliminação de problemas como livros esgotados, lista de reserva, multa e verba destinada para a conservação do acervo; facilidade na portabilidade, facilidades aos portadores de deficiência visual (sintetizadores de voz; textos com multimídia); a permissão à pesquisa integrada de *links* e conteúdos; a sustentabilidade, com alusão ao “ecologicamente correto”, pois a eliminação de papéis preserva as árvores; a possibilidade de *download* e uso é em qualquer lugar do mundo e a qualquer tempo;

e o fato de solucionar problemas de espaço gerado pelo armazenamento do livro físico na biblioteca; além de eliminar problemas referentes a conservação e restauro. As desvantagens, por sua vez foram apontadas: maior consumo de energia; uma leitura mais cansativa e mais lenta; a necessidade de conhecimento da tecnologia aplicada; a obsolescência de equipamentos e formatos de arquivos.

Assim, percebe-se que os desafios não param por aqui. Apesar de serem muitas as vantagens oferecidas pelos livros eletrônicos, ao se deparar com as desvantagens, como a obsolescência dos equipamentos, e com as dificuldades relacionadas à aquisição dos *e-books* pelas bibliotecas, sente-se que ainda há muito que caminhar e pesquisar. Deve-se repensar algumas ofertas que parecem serem ideais, que afirmam serem ecologicamente corretas, mas que em nenhum momento apresentam, por exemplo, soluções para a questão do lixo eletrônico, em volume cada vez maior gerado pela tecnologia dos mais diferentes hardwares para a leitura do livro eletrônico.

Por fim, observa-se que não basta seguir o que o mercado está oferecendo, mas repensar as políticas da biblioteca e trabalhar em conjunto dentro do Sistema de Bibliotecas, buscando unir as novas tecnologias com a missão dos profissionais bibliotecários perante a comunidade da UFMG e da sociedade em geral.

## Referências

- GAMA RAMÍREZ, Miguel (coord.). El libro electrónico em la universidad: testimonios y reflexiones. México: Colégio Nacional de Bibliotecarios; Buenos Aires: Alfagrama, 2006. p. 63-98 *apud* VELASCO, Juliana; ODDONE, Nanci. O livro eletrônico na prática científica: estratégia metodológica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. *Anais eletrônicos...* Salvador, 2007. Disponível em: [www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT7--069.pdf](http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT7--069.pdf). Acesso em: 25 mar. 2013.
- GIBBONS, Susan. *Ebooks: some concerns and surprises*. Portal: Libraries and the Academy, vol. 1, n. 1, jan./2001. p. 71-75.
- LANDONI, M. Electronic books. In: FEATHER, J; STURGES, P. (eds.), INTERNATIONAL Encyclopedia of Information and Library Science, 2 ed., Routledge, London, 2003. p. 168-71.
- SIMON, Eric J. Electronic textbooks: a pilot study of student e-reading habits. *Future of Print Media Journal*, 2001. Disponível em <<http://www.ericjsimon.com/papers/papers/ebook.pdf>>. Acesso em 30 set. 2012.

SPRINGER. Lectores de libros electrónicos: Tendencias y estadísticas de uso de los ebooks y libros digitales. *Informe Springer*, 2008. Disponível em: <[http://es.masternewmedia.org/2008/11/26/lectores\\_de\\_libros\\_electronicos\\_tendencias\\_y\\_estadisticas.htm](http://es.masternewmedia.org/2008/11/26/lectores_de_libros_electronicos_tendencias_y_estadisticas.htm)>. Acesso em 30 set. 2012.

TOWLE, Gemma. *Ebooks: Challenges and effects on the book chain*. 2007. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Loughborough University, Leicestershire, 2007. Disponível em: <<https://dspace.lboro.ac.uk/dspace-jspui/bitstream/2134/7980/3/479447.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

VASSILOU, Magda; ROWLEY, Jennifer. Progressing the definition of “e-book”. *Emerald Library Hi Tech*, v. 26, n. 3, 2008. p. 355-368.

VELASCO, Juliana; ODDONE, Nanci. O livro eletrônico na prática científica: estratégia metodológica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. *Anais eletrônicos...* Salvador, 2007. Disponível em: [www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT7--069.pdf](http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT7--069.pdf). Acesso em: 25 mar. 2013.

WILSON, R., LANDONI, M. Evaluating electronic textbooks: a methodology. In: EUROPEAN CONFERENCE, 2001, Darmstadt, Germany, 2001. Disponível em: <<http://strathprints.strath.ac.uk/1904/1/strathprints001904.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2013.